



O DESPERTAR CRÍTICO A PARTIR DAS IMAGENS DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO

Júlio Kleber Silva de Lima
Janaina Bezerra de Queiroz

*CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS – juliokleber22@hotmail.com
FACULDADE INTEGRADA DE PATOS – jana_ina_bq@hotmail.com*

No Brasil, o livro didático ocupa posição central no processo de ensino e aprendizagem. O livro didático que surgiu com o intuito de complementar os livros clássicos, mas ainda se encontravam descontextualizados da realidade social dos discentes. Assim, este instrumental é o principal material de ensino em sala de aula e que o interlocutor dos alunos não é mais o professor, mas o autor do livro didático. Este sendo um instrumento que além de favorecer a aprendizagem do aluno, também favorece a compreensão da realidade, conduzindo-o a pensar de forma crítica e reflexiva. Dessa forma, este estudo visa analisar as imagens contidas nos livros didáticos, que nos remetem a história e cultura afro-brasileira, quer dizer, iremos discutir a inserção do negro na educação brasileira, partindo do princípio de que durante muito tempo, sua cultura, legado e contribuições no campo social, cultural e religioso foram invisibilizados. Utilizamos enquanto abordagem teórica os estudos desenvolvidos por Fiorin (2007); Silva (2008); Mazière (2007). Após essa análise podemos inferir que houve uma melhoria, mas este ainda não é suficiente, visto que o Livro Didático ainda persiste, muitas vezes, no discurso racista que naturaliza a condição de branco e estigmatiza o negro. Desse modo, torna-se necessário repensar a ideologia presente nos Livros Didáticos, nesse sentido identificamos ideologia sendo o estudo de como a circulação das formas simbólicas cria, institui, mantém e reproduz relações de dominação. Para finalizar, precisamos mencionar que embora o Ministério da Educação e Cultura tenha tomado iniciativas para melhorar o controle dos livros didáticos a serem distribuídos para as escolas públicas, com o objetivo de evitar a distribuição de obras que contenham representações negativas em relação ao segmento negro, ainda não se encontra com facilidade livros didáticos que abordem a colaboração desta etnia na construção do país, incluindo aspectos positivos da história do negro no Brasil.

Palavras chave: Livro Didático – Discurso – Ideologia

Sabendo que o livro didático é o principal material de ensino em sala de aula e que o interlocutor dos alunos não é mais o professor, mas o autor deste. Sendo assim, conforme Batista (2003) o livro didático é um instrumento que além de favorecer a aprendizagem do aluno, também favorece a compreensão da realidade, conduzindo-o a pensar de forma crítica e reflexiva.

Este trabalho objetiva verificar se as imagens contidas no Livro Didático analisado prezam a história e cultura afro-brasileira, assim favorecendo a aprendizagem do aluno, como também, favorecendo a compreensão da realidade, conduzindo-o a pensar de forma crítica e reflexiva.

Para alcançarmos os objetivos supracitados, inicialmente procedemos pela escolha do livro didático: O Diálogo, de Beltrão, Gordilho & Velloso; este referente ao ensino fundamental II. Em seguida, observamos e analisamos a presença de imagens concernentes à história e cultura afro-brasileira e se estas atuam de forma estereotipada.



O LIVRO DIDÁTICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, o livro didático ocupa posição central no processo de ensino e aprendizagem, o qual surgiu com o intuito de complementar os livros clássicos, contudo ainda se encontravam descontextualizados da realidade social dos discentes. Inicialmente, o manual didático foi posto com objetivo de alfabetizar e divulgar os conhecimentos, assim levando instrução sistematizada ao alunado, e organizar pedagogicamente o trabalho docente. Dessa forma torna-se importante a análise de livros didáticos, principalmente pela influência que os mesmos têm como geradores e formadores de opinião.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) criou várias comissões para a avaliação destes materiais didáticos, na busca de uma melhor qualidade. Não obstante, esse processo ao longo dos anos tem sido lento, confrontando por vezes, a interesses editoriais que não possuem objetivos com as novas orientações para se trabalhar o ensino do português, restringindo-se ao lucro. Devemos enfatizar que, os professores que participam da seleção desse material recebem pouca preparação, porém esta tarefa merece atenção dos professores que pouco tem recebido em termos de saberes, competências, habilidades, para tal fim, a partir de seus saberes como profissionais. Dessa maneira, ressaltamos a importância de trabalhos como este que explora a visão crítica diante a esta demanda.

Podemos afirmar que o professor de língua portuguesa, ao contrário dos demais, possui uma gama de possibilidades para desenvolver seu trabalho em sala de aula, tendo o livro didático como seu aliado, porém o educador não deve considerá-lo como o único. Entretanto, devemos ter cuidado, pois essa grande quantidade de instrumentos pode conter dois lados: o de proporcionar ao professor mais opções de escolha e, por outro aumentar-lhe a responsabilidade.

O livro há muito tempo é considerado como uma ferramenta da educação política e ideológica, sendo indiretamente o principal controlador do currículo. Na atual perspectiva, o livro didático não pode continuar como fonte principal de conhecimento (por vezes equivocados) transmitido pelo professor a fim de ser memorizado e repetido pelos alunos. Este está longe de ser uma única referência de acesso ao conteúdo disciplinar da escola, tem que ser uma “fonte viva de sabedoria”, capaz de orientar os processos de desenvolvimento da personalidade integral das crianças. Acreditamos que, em nossa Região, o livro didático continua sendo o mais fiel aliado do professor e um recurso imprescindível para os alunos.



Cientes de que esse é produzido para uma criança genérica, ao qual não existe. Isso exige do professor no momento da seleção do livro, pensar em alunos reais, nas necessidades e possibilidades que lhe são características, o contexto real de vida dos alunos.

Cabe ao professor desenvolver e ter competências para superar as limitações próprias dos livros, que por seu caráter genérico, por vezes, não contemplam às problemáticas locais. Assim, é tarefa dos professores complementar, adaptar, dar maior sentido aos bons livros recomendados pelo MEC.

Um dos desafios encontrados em sala de aula é o estudo da linguagem, este assumindo um papel fundamental nas ideologias culturais. A ideologia da deficiência cultural tem sua origem em seu mais importante argumento no conceito de “déficit linguístico”, que se chegou mesmo a sugerir a existência de uma “teoria de deficiência linguística”, na qual se explica o fracasso escolar das camadas populares. Sabemos que não existe uma linguagem nem inferior e nem deficiente, mas diferentes formas de linguagens.

Apesar da existência de variedades linguísticas verificamos que nas escolas, bem como nos livros didáticos, evidencia-se mais claramente as diferenças entre grupos sociais, gerando a discriminação e fracasso dos jovens.

Ainda encontra-se a ideia do professor como ser absoluto, controlador de tudo o que se faz em sala de aula. Na verdade essa ideia é ilusória, já que o professor apenas adota como sua a posição que o material didático impõe como forma única de leitura. Assim, as condições de produção do texto e o conhecimento partilhado dos discentes não são aproveitados para a análise textual, pois o objetivo da leitura é responder às questões de interpretação propostas pelo livro didático.

Avaliamos que a interpretação do texto vem sendo algo que sempre apresenta uma forma prévia e única, sem considerar outras possíveis análises por parte do aluno. Esses manuais não ensinam aos discentes outros conceitos de leituras e interpretações que não sejam necessariamente textos, muitas vezes causam traumas por serem inapropriados e enfadonhos.

Sendo assim, é quase impossível o aluno desenvolver uma visão crítica de determinados assuntos. Ao adotarmos esta forma fechada de interpretação, estamos pedindo ao aluno que ele apenas trabalhe em cima do que está escrito, praticando não uma verdadeira interpretação, mas sim uma ótima capacidade de cópia e procura de palavras no texto.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 A 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

O livro “O diálogo” há uma presença de concepções estereotipadas, existindo apenas uma clara e simples denominação do “negro”, como sujeito inferiorizado em relação ao “branco”. Assim, gerando preconceito, porque se as crianças aprendessem desde tenra idade, nas escolas e nos livros didáticos, a importância desta cultura diminuiríamos o racismo difundido pela sociedade.

Logo, ao vivenciarmos em uma sociedade plural, devemos como professores, incentivar a aceitação das diferentes culturas que circulam em nosso meio social, e ao categorizarmos os negros e brancos estaremos adentrando em uma área delicada e que merece nossa atenção como educadores e sujeitos sociais.

Entretanto, um aspecto positivo que merece destaque é do livro ser muito bem elaborado visualmente, o que estimula e faz com que a criança tenha certa noção do que irá encontrar nos textos pelas ilustrações que sempre estão ao lado dos mesmos, na grande maioria das vezes, aborda temas educativos e sugerindo possíveis leituras não só de livros, como também de filmes.

Contudo, os textos contidos neste são longos e, por isso, são cortados em seu desenvolvimento, no intuito de que estes caibam no espaço reservado. Neste caso, talvez uma escolha de textos mais compactos fosse a solução, para que os alunos pudessem ter acesso ao texto de forma integral.

A orientação do trabalho com a leitura e interpretação é reflexiva, estimulando a compreensão e proporcionando a ampliação de uma visão de mundo.

Por isso, os alunos são convidados a produzir textos de diferentes gêneros, e é recomendado aos professores que este incentive constantemente a turma a despertar interesse por outras leituras, além das contidas no livro didático. Constatamos que as atividades de produção escrita também são variadas, pois há sugestões de encenar uma peça teatral, transformar um gênero em outro, escrever sua biografia, textos orais (simulação de jornal televisivo), oportunizar o debate sobre diferentes assuntos, realizar pesquisa de opinião, declamar poemas, seguido de atividades motivadoras que levam o aluno a refletir e buscar mais informações em outras fontes, o que propicia a ampliação das ideias e da criticidade.

Desde os primórdios de nossa sociedade a linguagem se tornou essencial para o desenvolvimento da comunicação, no qual se compartilham valores, crenças, atitudes, rituais e outros aspectos da cultura. Assim, ao analisarmos o livro didático devemos considerar que para a construção da identidade nacional, diversos elementos transformaram-se em alvo da institucionalização, assim a feijoada, a capoeira, o samba, entre outros, tornaram-se elementos



da cultura brasileira. O momento coincide, ainda, com a escolha de Nossa Senhora da Conceição Aparecida para padroeira do Brasil. Meio branca, meio negra, a nova santa era mestiça como os brasileiros.

Logo, a ideologia desta classe pormenorizada, ou seja, a visão de mundo que ela possui e que a caracteriza, é apreendida e veiculada pelo seu discurso, que se corporifica em signo e que, por permitir a concretização do ideológico, é definido por Fiorin (2007, p. 11) como “combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de expressar seus pensamentos, de falar sobre o mundo exterior ou de seu mundo interior, agir sobre ele”.

Tomamos como noção de ideologia existente na sociedade de classes a elaboração de um discurso pretensamente universal que ao identificar a realidade com aquilo que as classes dominantes dizem que é, ocultam as contradições, subjugam e tomam o lugar das representações opostas às suas. As representações da classe dominante necessariamente se tornam particulares porque os interesses de classe, a levam a dissimular a essência contraditória da relação. Desta maneira, a classe dominante, visando assegurar uma unidade ideológica dentro do sistema social, impede à classe dominada a tomada de consciência reveladora das contradições.

Segundo Fiorin (2007, p.42), essas “formações ideológicas, materializadas em formações discursivas, determinam o discurso, que, por sua vez, revela quem é o sujeito”. Sendo assim é possível afirmar que os sentidos são sempre determinados ideologicamente, e o discurso que o enunciador carrega é a reprodução do lugar que ele ocupa, ou seja, “seu dizer é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social. Não é livre para dizer, mas coagido a dizer o que seu grupo diz”.

Dessa forma, é importante ressaltar como esse processo influencia as crianças negras, que vão sendo coagidas a desejarem ser brancas, pois, no momento em que a escola nega sua cultura, impõe a negação de seu próprio corpo e, conseqüentemente, de sua identidade. Por outro lado, isso pode levar a uma valorização negativa do aluno em relação a si mesmo e às suas produções, levando-o a sentir-se inferior e pode até ser discriminado por outras crianças (por causa da sua cor), o que implica numa situação que carrega toda a força do social, do histórico e do ideológico e que, por sua vez, interfere no jogo de relações de poder que se estabelece entre as crianças e que acontece na escola.

Inferimos que o maior problema reside nos currículos e no livro didático, pois são construídos com base na visão do homem branco e das classes dominantes - reflexo de uma ideologia machista, racista, uma vez que, a visão que se tem do negro é sempre inferior; o



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 A 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

homem é mais importante do que a mulher, ou ainda, a mulher é apresentada como mãe, cozinheira, dona de casa; o negro é sempre empregado, o serviçal; e, o pobre é o rejeitado.

Mas, não podemos generalizar essa conclusão, pois com a Lei 10.639/03 começa a existir autores e editoras preocupados em publicar livros que apresentem os negros numa perspectiva positiva, oferecendo, desse modo, possibilidades para a reconstrução dos sustentáculos das relações sociais estabelecidas entre negros e brancos no imaginário social.

A imagem do negro escravizado veiculada pelo livro, associada à imagem tida na atualidade, desempenhando somente ocupações pesadas, braçais, passa a falsa ideia de que isso constitui o lugar natural do negro. No entanto, há alunos que percebem as representações profissionais estigmatizantes nos livros didáticos, afirmando que as profissões socialmente reconhecidas são representadas por brancos, enquanto que as menos reconhecidas são representadas por negros.

Com relação ao livro analisado, percebemos que a ideologia perpassada por este ainda despreza o negro como sujeito social, inferiorizando a si e a sua cultura, tão importante para a compreensão histórica do nosso país. Uma das únicas passagens neste manual didático que expressa o negro, é na unidade que versa sobre esporte, representando a capoeira, uma dança típica afro-brasileira que mistura luta, dança, cultura popular, música, desenvolvida no Brasil por escravos africanos e seus descendentes, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando os pés, as mãos e a cabeça.

Devemos como educadores parabenizar essa iniciativa, mas temos conhecimento que isto não é o bastante, pois devemos priorizar o conhecimento de nossos ancestrais, através de suas características e discursos, pois sabemos que a educação brasileira ainda se encontra longínqua da realidade vivenciada por esta população.

Logo, ao se trabalhar textos que inferiorizam o negro é possível perceber que nossos alunos negros, proferem julgamentos de inferioridade ou incapacidade com uma forte presença de baixa autoestima. Esses alunos certamente assimilam a desvalorização do negro presente no livro didático, através dos papéis que lhes são atribuídos, como por exemplo, o negro ser sempre o causador de confusões, ser o rebelde, ou até mesmo aparecer como a criança suja da história; além de toda essa imagem deturpada, ainda pode-se perceber que a mulher negra aparece sempre na cozinha ou como serviçal, nunca como a patroa, isso apenas para dar ideia do que se encontra nos livros didáticos atuais.

Salientamos que é dever da escola formar cidadãos críticos e democráticos, dessa forma ao depararmos com o livro didático, este sendo transmissor de imagens que incutem valores negativos de determinados grupos étnicos é indignante, ao passo que a ausência de temas do



aluno carente, do conflito de classes, da discriminação racial, quanto à presença de estereótipos demonstra que é necessária a inclusão de temas referentes ao preconceito e às diversas formas de injustiça social. Assim, pode-se perceber que a estrutura do livro didático precisa ser modificada, para melhor atender a prática educacional e combater qualquer tipo de discriminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Embora se encontre nos livros referenciais positivos aos negros, o resultado da análise dos livros apontou que muito ainda se tem por mudar. O livro didático, apesar de sua importância e abrangência no contingente populacional brasileiro, continua negando ao negro o direito de ser percebido e tratado em um contexto de equidade social. O princípio constitucional de cidadania, a liberdade e a solidariedade visadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o respeito à diversidade, proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais - Temas Transversais, não são levados em consideração, pois raça e lugar social estão estreitamente relacionados e demarcados.

Os negros continuam sendo colocados em posições semelhantes aos que as ideologias racistas insistem em conferir-lhes ao longo do tempo, haja vista que o livro didático continua reproduzindo preconceitos que, através dos estereótipos, ajudam a disseminar a condição de discriminação contra estes, que ainda continuam sendo representados como insignificante minoria e em papéis de pouca valorização social.

Logo, a sociedade brasileira começa, mesmo que timidamente, a despertar e a construir uma consciência em relação à opressão racial. Porém, o que ainda é possível perceber é que esse despertar necessita avançar muito no combate a essa discriminação presente na sociedade. O ambiente escolar, uma das instâncias sociais formadoras de ideologia, está repleto de uma cruel realidade em que as diferenças étnico-culturais não são respeitadas, difundindo preconceitos e práticas racistas por todo o país.

Para finalizar, precisamos mencionar que embora o Ministério da Educação e Cultura tenha tomado iniciativas para melhorar o controle dos livros didáticos a serem distribuídos para as escolas públicas, com o objetivo de evitar a distribuição de obras que contenham representações negativas em relação ao segmento negro, ainda não se encontra com facilidade livros didáticos que abordem a colaboração desta etnia na construção do país, incluindo aspectos positivos da história do negro no Brasil.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 A 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENCÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRASIL. *Saberes e práticas da Inclusão*. Brasília: MEC, SEESP, 2005.
- BELTRÃO, Eliana; GODILHO, Tereza & VELLOSO, Maria Lúcia. *O Diálogo*. 5º série. São Paulo: FTD, 2001.
- BODGAN, Roberto BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAMPBELL, Selma Inês. *Múltiplas faces da inclusão*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.
- DIONISIO, ANGELA PAIVA & BEZERRA, MARIA AUXILIADORA. *O Livro Didático do Português: múltiplos olhares*. 2 ed. Rio de Janeiro: LUCERNA, 2002
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Caminhos pedagógicos da inclusão*. São Paulo: Ed. Memnon, 2001.
- _____. *Ensaio Pedagógico – Construindo Escolas Inclusivas*. Brasil. Ed. Brasília: MEC, SEESP, 2005.
- _____. *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- MAZZOTTA, M. J. S. *Educação especial no Brasil: História e políticas públicas*. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.